



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, aos jornais La Nación e Última Hora, do Paraguai

Palácio do Planalto, 17 de maio de 2007

Presidente: Tudo bem, queridos? Podemos *hablar*?

Jornalista: Queremos começar perguntando sobre a expectativa da sua visita ao Paraguai.

Presidente: Eu vou ao Paraguai com uma grande expectativa. Nós temos várias propostas de acordos para serem assinadas com o presidente Nicanor. Nós precisamos, cada vez mais, estreitar nossas relações com o Paraguai, porque o Paraguai, o Uruguai e a Bolívia são três países que precisam ser olhados com muita atenção pelos países que têm economias maiores no Mercosul, sobretudo Argentina e Brasil. Vamos discutir com o governo paraguaio o que nós poderemos fazer para melhorar essa relação, quais são os acordos necessários.

Nós temos uma proposta de vários acordos para serem levados ao Paraguai. Obviamente que eu não posso adiantar. Eu preciso discutir essas propostas, primeiro, com o presidente Nicanor. Mas eu vou com muito otimismo, eu acho que o Paraguai é um parceiro muito importante para nós. Nós temos consciência de que o Brasil, como economia mais forte no Mercosul, precisa contribuir de forma decisiva para o desenvolvimento do Paraguai. Eu tenho conversado com o presidente Nicanor Duarte, tenho conversado com alguns políticos paraguaios, mostrando a necessidade de estabelecer uma política que faça com que o Paraguai tenha um desenvolvimento, para que sua economia cresça e possa melhorar a situação do povo paraguaio. Então, eu vou com esse otimismo para o Paraguai.



Jornalista: Vocês fizeram a proposta do biocombustível. Nós podemos conhecer o que contém essa proposta?

Presidente: Veja, a nossa idéia é discutir com o presidente Nicanor e com o governo do Paraguai a questão da introdução do etanol e do biodiesel no Paraguai, porque são duas atividades que geram muitos empregos, são duas atividades que podem ajudar a dinamizar a agricultura do Paraguai, e eu acho que o mundo vai caminhar para os combustíveis renováveis. Eu não vejo outra saída se nós não introduzirmos os biocombustíveis.

E o Brasil tem o compromisso de ajudar os países menores, aqui na América Latina e na África, eu estou convencido de que se os países da Europa ou se os países ricos introduzirem o Protocolo de Quioto nas suas políticas de desenvolvimento e colocarem os biocombustíveis, seja misturando o biodiesel ao óleo diesel, seja misturando o etanol à gasolina, quem tem condições de produzir são os países da América Latina e da África. Então, nós queremos estabelecer parcerias, não apenas para passar a tecnologia, mas parcerias em que empresas brasileiras façam investimentos para que a gente possa produzir biocombustíveis no Paraguai.

Jornalista: Neste momento, a Petrobras está entrando também, forte, no Paraguai. Vai por aí também?

Presidente: Vai por aí. A Petrobras para nós aqui, no Brasil, é o carro-chefe da produção de biocombustível. Obviamente que tem muitas empresas privadas produzindo biodiesel, mas a Petrobras, na hora em que vira uma matriz energética na área de combustível, a Petrobras tem que assumir. A nossa idéia é de que a Petrobras possa construir usinas de produção de biodiesel nos países do Mercosul.



Jornalista: Presidente, queríamos tocar no tema de Itaipu, mas antes uma pergunta. Nós nos inteiramos de que na imprensa brasileira saiu uma notícia de que o Brasil está fazendo 4 bilhões de dólares para (inaudível) Itaipu.

Presidente: Primeiro, não é verdade. Eu penso que as pessoas que passam uma notícia dessas deveriam ter mais responsabilidade. Primeiro, porque eu jamais conversaria um assunto dessa magnitude com o presidente Nicanor. Nós temos um tratado, nós somos sócios em Itaipu e, portanto, eu acho que o Paraguai tem direito de utilizar 50% da energia de Itaipu. E eu tenho dito ao presidente Nicanor que é por isso que a economia do Paraguai precisa crescer, é por isso que o Paraguai precisa se desenvolver, porque quanto mais crescimento econômico, mais energia o Paraguai vai consumir. Eu acho que isso é, no fundo, no fundo, o que o povo paraguaio deseja: crescer, se desenvolver e gastar o que ele tem direito de gastar, de energia, no Paraguai. Então, não existe essa possibilidade e nós queremos respeitar o Tratado. Quando nós discutimos esses tratados, em nível internacional, nós precisamos passar credibilidade para os investidores de outros países e mostrar a eles que nós somos países pobres, mas sabemos cumprir aquilo que nós acordamos.

Jornalista: É aquela velha questão (inaudível), renegociar o tratado de Itaipu? O senhor acha que existe alguma possibilidade?

Presidente: Eu, *a priori*, acho muito complicado discutir o Tratado. O que nós estamos fazendo é que já mandei a medida provisória para o Congresso Nacional, já foi votada na Câmara e agora está sendo votada no Senado, para acabar com a *double* indexação. Estamos trabalhando para ajudar o Paraguai a fazer linhas de transmissão, é um compromisso que eu assumi com o presidente Nicanor. Já aprovamos um fundo de desenvolvimento, que é o



Focem, também para investir nos países do Mercosul. Mas eu penso que nós não deveríamos discutir mudanças no Tratado, porque isso tem implicações tanto no Congresso brasileiro quanto no Congresso paraguaio.

O que eu acho que nós precisamos discutir nesse momento, e é isso que eu tenho interesse em discutir com o presidente Nicanor, é como ajudar o Paraguai a ter um crescimento econômico vigoroso, como fazer para que o Paraguai possa se industrializar, como fazer para que o Paraguai tenha uma agricultura altamente moderna, já que é o quarto produtor de soja e pode produzir muito mais porque tem terra, porque tem as condições climáticas necessárias. Eu penso que essa é a grande discussão que nós deveríamos fazer.

Jornalista: (inaudível) Para vender a energia excedente do Paraguai a preço de mercado, e não a preço estipulado pelo Tratado de Itaipu?

Presidente: Veja, porque tem um acordo entre os dois países. A energia no Paraguai, com a medida que nós mandamos para o Congresso Nacional, vai ser, inclusive, reduzida para o consumidor paraguaio. Eu não sei como acontecem as discussões no Paraguai e eu respeito o exercício da soberania de cada país. Obviamente que eu sou um homem aberto a discutir qualquer assunto, desde que esse assunto seja colocado na mesa. Mas o que eu acho, e fiz alusão ao presidente Nicanor quando viajamos juntos para Isla Margarita, é que seria importante que a gente tentasse encontrar um jeito de fazer com que o Paraguai se desenvolvesse. Da minha parte, eu estou disposto a fazer aquilo que estiver ao meu alcance. Em várias reuniões, como a que houve entre empresários paraguaios e brasileiros, em São Paulo, eu tenho provocado os empresários brasileiros para que eles ajudem a construir indústrias no Paraguai, para que o Paraguai possa consumir toda a energia a que ele tem direito.



Jornalista: E que respostas...

Presidente: Esse é um processo, essas coisas não acontecem com um toque de mágica, esse é um processo que eu acho que nós estamos vivendo. Desde que estou na Presidência da República, eu posso dizer a vocês que na relação com o Paraguai, eu não sei se houve outro momento histórico em que a relação esteja tão boa e tão consolidada, nós temos vários projetos para construir a segunda ponte. Essas coisas às vezes demoram mais do que a gente gostaria porque tem problemas dos dois lados, porque os projetos são mais demorados. Nós temos interesse em fazer com que os produtos do Paraguai possam chegar até Guaíra. Estamos discutindo com o Ministério dos Transportes a questão da ferrovia. E nós queremos discutir outros projetos.

O dado concreto é o seguinte: na medida em que você trabalha a construção de projetos e tem o projeto pronto, fica mais fácil encontrar financiamento para fazer as coisas. Sem o projeto, você fica apenas no discurso teórico e as coisas não acontecem. Normalmente, em nível internacional, nós temos esses problemas.

Eu estou com uma ponte no Oiapoque para ser construída, na divisa do Brasil com a Guiana Francesa, e quando eu tomei posse eu fui à França e o presidente Chirac falou: quero inaugurar essa ponte com o presidente Lula. Terminou o mandato do Chirac, eu já terminei meu primeiro mandato e a ponte não aconteceu. Por quê? Porque tem implicações internas em cada país, tem implicações nos Congressos, tem implicações na burocracia. O que nós precisamos saber é que Itaipu foi um grande feito para o Paraguai e para o Brasil.

Jornalista: Uma grande realização.



Presidente: Foi uma grande realização. Hoje, quando a gente critica Itaipu, seria importante imaginar o Paraguai sem Itaipu. Quando as pessoas fazem críticas ao PT, aqui no Brasil, eu falo: analisa o Brasil sem o PT. Então, as pessoas, às vezes, se queixam de Itaipu. Eu leio o jornal, às vezes, do Paraguai, recebo o jornal e fico vendo as discussões. Obviamente que eu respeito as discussões, nenhuma crítica à visão que tem os companheiros paraguaios da situação e da oposição é o exercício da soberania e da democracia de cada país. Mas seria importante que a gente analisasse se não existisse Itaipu, para a gente poder ver o tamanho do benefício que é Itaipu. Hoje, o Brasil está comprando a energia excedente porque tem energia excedente. Na hora em que o Paraguai estiver consumindo tudo, não terá energia excedente, o Brasil terá que procurar outras fontes. Quem sabe o Brasil possa fazer parcerias com o Paraguai e com a Argentina para construirmos a hidrelétrica de Corpus, fazer uma outra hidrelétrica grande. Quem sabe, possa ser esse o caminho.

O dado concreto é que nós temos muito mais motivos para confluência entre nós, se a gente pensar de forma positiva. O que está faltando fazer? Por que as coisas andam devagar? Nós temos uma fronteira enorme, nós precisamos, por exemplo, cuidar do nosso rebanho bovino. Os dois países têm a mesma responsabilidade, porque a carne faz parte da riqueza dos nossos países. Nós estamos com um tratado com a Bolívia, o Uruguai, o Paraguai e a Argentina para a gente banir a febre aftosa definitivamente do nosso bloco, nós não podemos ficar sendo pegos de surpresa.

Nós precisamos discutir como o Brasil pode ajudar, seja comprando... nós temos um superávit comercial com o Paraguai que não interessa. Eu tenho dito todo santo dia ao meu ministro da Indústria e Comércio que não interessa ao Brasil ter um superávit comercial com o Paraguai, não interessa ao Brasil ter um saldo comercial muito alto com qualquer país. O ideal é que a gente equilibre isso. Então, o Brasil precisa discutir com o Paraguai o que nós



podemos comprar do Paraguai, para que haja um equilíbrio nessa Balança Comercial. Porque política comercial tem que ser uma coisa de duas mãos, ou seja, uma via de duas mãos. O ideal é que seja equilibrado, que os dois países se sintam satisfeitos comprando e vendendo. Se só um vende, um vai levar desvantagem. Então, é isso que eu penso que será o teor da conversa, da forma mais madura possível, que eu quero ter com o governo do Paraguai.

Jornalista: Tem muitos questionamentos sobre o uso dos fundos sociais de Itaipu com fins político-eleitorais. E cada vez que o Congresso e a Procuradoria querem pedir as contas, eles falam: não podemos, porque é uma entidade binacional e sem autorização do Brasil não se pode ver as contas. Aqui no Brasil acontece o mesmo?

Presidente: Acontece o mesmo. Veja, primeiro, Itaipu é fiscalizada sempre, mas é uma empresa binacional. Aqui no Brasil, outro dia, o presidente do Tribunal de Contas veio conversar comigo para saber se não era possível abrir Itaipu para ser fiscalizada. Primeiro, era preciso passar pelo Congresso Nacional, e isso significa você fazer um debate sobre uma empresa binacional que nem o Paraguai tem o direito de fiscalizar o lado brasileiro e nem o lado brasileiro pode fiscalizar o Paraguai.

Eu não conheço o teor dos debates que acontecem dentro do Paraguai, mas se eu conheço o povo paraguaio um pouco e se conheço o povo brasileiro, me parece que a paixão em discutir os grandes temas é a mesma. O que eu acho que precisa acontecer definitivamente nos países é a gente envolver, tanto o governo quanto o Parlamento, a sociedade e as universidades para discutir o modelo de desenvolvimento e o que fazer para desenvolver os países. Porque é normal que a oposição tenha um discurso sempre procurando defeito no governo, isso no Brasil, isso no Paraguai, isso em qualquer parte do mundo, afinal, esse é o papel da oposição. Eu fui oposição muito tempo e sei



como é. Mas tem que ter um momento na nossa vida em que a gente pense como todos podem contribuir para o País. Não se trata de alguém derrotar alguém, trata-se de discutir o seguinte: bom, tem uma coisa que une os brasileiros? É o Brasil. Tem uma coisa que une os paraguaios? É o Paraguai. Então, vamos pensar o que nós queremos para os nossos países e ver conjuntamente o que é possível fazer.

Eu acho que se nós fizéssemos essa discussão, e eu tenho pedido ao meu presidente da Câmara dos Deputados, ao meu presidente do Senado, que é preciso que haja uma relação institucional mais forte do Parlamento paraguaio e do Parlamento brasileiro, entre os parlamentos do Mercosul, já que agora foi criado o parlamento, mas é uma coisa muito incipiente. Muitas vezes, quando os governos fazem um acordo, esses acordos não têm a compreensão imediata dos Congressos e uma coisa que tem pressa, demora meses e às vezes anos para ser aprovada, porque não há a mesma dimensão de compreensão entre o Poder Executivo e o Poder Legislativo.

Eu, aqui no Brasil, estou pensando e conversei com o ministro Celso Amorim sobre a possibilidade da gente propor que, toda vez que viajarmos para fazer um acordo, tenha alguém do Congresso, da Comissão de Relações Exteriores do Parlamento acompanhando, para que, quando a coisa chegue lá, ele saiba concretamente o que foi feito. Eu vou lhe dar um exemplo do que é relação internacional. Quando eu tomei posse em 2003, o presidente do Senegal me ligou porque tinha uma praga de gafanhotos no Senegal e me pediu um aviãozinho Ipanema, um aviãozinho pequeno fabricado no Brasil, para jogar pesticida. Eu achei que aquilo era simples, eu era o Presidente, eu queria mandar, então era só mandar. Sabe quanto tempo levou? Seis meses. Os gafanhotos acabaram com o milharal. Então, essas coisas, às vezes se complicam porque não há uma interconexão entre os debates que se dão no Poder Executivo e no Poder Legislativo, obviamente que respeitando a autonomia de cada instância. O dado concreto é que, quando se trata de



acordo internacional, essas coisas precisam ser mais ágeis para que a gente possa funcionar mais e rapidamente.

Jornalista: No Brasil existe um fundo social com o dinheiro do orçamento de Itaipu?

Presidente: Não, não existe um fundo social como no Paraguai.

Jornalista: No Brasil existe um fundo para obras sociais e se usa eleitoralmente.

Presidente: Mas aí é um problema de cada país. Nós não temos o controle do que acontece com o dinheiro de cada lado. Aí, eu peço desculpas a vocês, porque é um problema de cada lado.

Jornalista: Presidente, eu queria perguntar sobre o panorama eleitoral do Paraguai. Sabemos que o senhor havia opinado sobre a situação da Argentina, apoiando uma eventual eleição do Kirchner. No Paraguai há três pré-candidatos neste momento (o repórter cita o nome deles). Tem preferência por algum? Tem um bispo que está renunciando e se metendo na política. O que o senhor pensa sobre o bispo entrando na política? O senhor conhece o monsenhor Lugo e tem alguma afinidade com ele, que vem da esquerda também?

Presidente: Deixa eu lhe falar. Primeiro, eu acho que um cura tem o direito de fazer política, se ele faz uma opção. Ele é um ser humano antes de qualquer coisa, então, ele pode fazer. Aqui no Brasil, nós temos vários padres que participam da atividade política, alguns se candidataram, não se elegeram. Aí, normalmente a Igreja tem os seus critérios para exigir que as pessoas se



afastem da Igreja. Eu não tenho relação com o candidato Lugo, e obviamente que, quando estiver mais próximo, eu gostaria de conversar com todos os candidatos para ter uma noção do que cada um está pensando e o que eles imaginam da relação com o Brasil, mas eu não conheço nenhum dos candidatos do Paraguai, a não ser o vice-presidente, que me parece que é candidato, mas proximamente eu pretendo conversar com eles, convidá-los.

Jornalista: O senhor falou do caso da ponte com o Senegal. Como está o projeto da segunda ponte com a Guiana, sobre o Rio Paraná? Uma vez, o Nicanor disse que havia falado com o senhor de uma ponte entre Porto Murtinho e Carmelo Peralta, para unir a estrada via oceânica.

Presidente: Nós vamos conversar isso nessa minha visita ao Paraguai. Veja, o que nós estamos, neste momento, é terminando o projeto-executivo para fazer a segunda ponte. Vamos ver, na conversa com o presidente Nicanor, se vai entrar a questão da ferrovia ou não, ou seja, de fazer uma ponte multimodal. O que nós estamos interessados é em discutir com o Paraguai as possibilidades que temos de ajudar a fazer com que haja mais facilidade para que os produtos paraguaios possam chegar ao Brasil e vice-versa. E aí, certamente, nós vamos precisar discutir carretera, vamos precisar discutir ferrovia, vamos discutir a questão do transporte fluvial. Eu me lembro que eu tomei posse e, logo depois da posse do Nicanor, nós discutimos a construção de uma carretera e o dado concreto é que Itaipu ficou de fazer um projeto-executivo e, não sei por que, o projeto não foi feito e, sem projeto executivo, nada pode acontecer.

E eu tenho feito isso porque aprendi, no primeiro mandato, como as coisas funcionam, é que nós, ao decidirmos fazer uma coisa, temos que designar quem será o responsável para cumprir aquilo que foi acordado. Quem vai fazer o projeto-executivo, em quanto tempo estará pronto esse projeto, senão as coisas não andam. Quando as coisas descem para a burocracia



intermediária, o tempo deles não é o tempo político do Presidente. Por quê? Porque a burocracia é eterna, os presidentes são passageiros. Nós temos mandato com prazo determinado, a burocracia tem estabilidade a vida inteira, então, se não acontecer no mandato do Nicanor ou não acontecer no meu mandato, não tem problema, vai acontecer num outro tempo.

Essas coisas eu aprendi no primeiro mandato, de cuidar com muito carinho para que, na hora em que dois presidentes fizerem um acordo, designar, imediatamente, quem vai ficar responsável por prestar contas daquilo. Eu vou lhe dar um exemplo: a refinaria Abreu e Lima, que estamos construindo em Pernambuco, entre a Venezuela e o Brasil. Durante dois anos, Petrobras e PDVSA conversavam e, quando foi um dia, Chávez e eu estávamos cansados de tanta conversa. Eu fiz uma reunião em Brasília, chamamos a PDVSA e a Petrobras, e não ia sair se dependesse deles, porque me parece que não tinha interesse. Precisou eu e o Chávez tomar uma decisão: nós queremos isso para tal data para acontecer.

Então, possivelmente, nessa conversa com o Nicanor, na segunda-feira, a gente tenha que dizer “bom, nós queremos saber qual é a data em que vão começar a fazer a ponte, qual é a data em que vão começar a fazer a carretera, qual é a data que vão começar a fazer isso”, para que a gente possa designar responsáveis e cobrar deles depois, porque senão as coisas demoram muito.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Olha, nós estamos trabalhando... esse é um problema crônico entre Paraguai e Brasil. Eu tomei a decisão de que não vai ter mais muro.

Jornalista: Não vai ter muro? Não vamos construir o muro?



Presidente: Não, não vai ter muro.

Jornalista: É uma boa notícia.

Presidente: O que é preciso é aumentar a fiscalização porque, dos dois lados, nós temos gente que, se tiver chance, vai... nós estamos pensando em resolver o problema dos caminhoneiros...

Jornalista: Parou a obra do muro que a Receita Federal estava fazendo?

Presidente: Eu não sei o que ela vai fazer, mas muro não vai ter. Foi uma decisão de governo. Muro, chega o de Berlim, chega o do México, agora, com os Estados Unidos, chega o da Faixa de Gaza. Nós não queremos muro. Nós resolvemos fazer com que o Imposto de Renda seja o mesmo para os caminhoneiros brasileiros, que não tenha diferença entre os transportadores brasileiros e os transportadores paraguaios. Na reunião que tivemos esta semana, estava presente a Receita Federal, estava presente o Ministro da Fazenda, e eu não sei o resultado, porque eles ficaram de resolver isso na quarta-feira, que foi ontem. Eu sei que vamos levar uma proposta para o Paraguai, para discutir essa questão do imposto, também, da aduana. O que nós queremos, na verdade, e nem sempre depende de nós, é que a gente tenha, com o Paraguai, na fronteira, uma relação definitiva de países desenvolvidos, civilizados, uma coisa moderna, em que os dois lados se sintam confortáveis. É isso que eu espero que aconteça, e eu penso que essa visita é importante, é a primeira visita oficial que eu faço ao Paraguai.

Jornalista: Esta é a primeira visita?

Presidente: É a primeira visita oficial que eu faço. Eu já fui outras vezes, mas



para outras reuniões, e eu espero que nessa visita oficial a gente consolide um monte de coisas que nós já conversamos nesses quatro anos.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Veja, esse é o desafio, e é isso que eu comecei dizendo na nossa conversa. Qual é a preocupação que eu tenho? Preocupação objetiva? Não adianta nenhum ser humano do planeta Terra ficar dizendo que tem contrabando entre Paraguai e Brasil, via Ciudad del Este. Não tem sentido a gente ficar nessa discussão mais um século. Você só vai diminuir esse contrabando quando oferecer outras coisas para que as cidades fronteiriças se desenvolvam e possam gerar empregos. Por isso que eu tenho dito aos empresários brasileiros, que é importante eles, ao invés de ficarem reclamando, comecem a pensar, a construir indústrias em Ciudad del Este. Não existe outra forma. A polícia não vai resolver, o muro não resolve. O que vai resolver é desenvolver aquela cidade, e eu vou dizer para vocês, com todas as letras: o Brasil tem que ter responsabilidade em ajudar a desenvolver Ciudad del Este. Eu estou designando um companheiro meu, já falei com o presidente Nicanor, que vai discutir com os empresários paraguaios, que vai discutir com empresários brasileiros, a necessidade de construirmos parcerias para que haja investimento industrial em Ciudad del Este.

Jornalista: Quem é o companheiro que o senhor designou?

Presidente: Veja, nós temos, primeiro, um ministro que faz as conversas oficiais, e eu disse ao presidente Nicanor que o ex-ministro Furlan, quando estava no Ministério, dizia para mim: “Presidente, quando eu deixar o governo, eu quero me dedicar a ajudar o Paraguai a se desenvolver. Eu quero provocar essa discussão com os empresários paraguaios e os empresários brasileiros”.



E eu encontrei com ele esses dias, e ele está determinado a fazer esse trabalho muito sério entre os empresários paraguaios e os empresários brasileiros. Muitas vezes é preciso uma política de convencimento das pessoas. Tem coisas que um empresário brasileiro reclama “ah, está vindo contrabando do Paraguai”, ora, então vamos produzir aquela coisa no Paraguai, fica mais fácil. E tem muitas coisas que nós poderemos fazer.

O que eu estou convencido é de que, neste meu segundo mandato, a gente vai poder fazer, de forma muito aperfeiçoada, o que não foi possível fazer no primeiro mandato. Eu estou convencido, e vou repetir: ou o Brasil e a Argentina cuidam dessa parceria com o Uruguai, com o Paraguai e com a Bolívia, ou nós não teremos como reclamar, porque depende mais de nós do que dos próprios governos dos países em função da fragilidade econômica de algumas economias.

Da mesma forma que eu penso isso, eu penso em alguns países africanos. O biodiesel, quando eu pensei, aqui no Brasil, eu pensei para o Brasil, para a América Latina e para a África. Não existe outro jeito de desenvolver a África se você não aproveitar esse momento dos biocombustíveis para produzir alguma coisa e gerar riquezas. Eu só queria lembrar o seguinte: nós vamos assinar uma data para a ponte. Os envelopes de licitação para o projeto-executivo vão ser abertos no dia 19 de junho.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Olha, primeiro são duas coisas muito distintas, você ser dirigente sindical e ser presidente da República. Quando eu era dirigente sindical eu só pensava na minha categoria, que eram os metalúrgicos. Quando presidente da República, você tem que pensar nos metalúrgicos e nos não-metalúrgicos, tem que pensar nos trabalhadores e nos empresários, tem que pensar nos católicos e nos evangélicos, você tem que pensar na totalidade da sociedade.



Eu confesso que estou vivendo um momento muito importante na minha vida pessoal, como presidente da República, e o Brasil está vivendo um momento muito especial nesse instante. Eu tenho dito que não há nenhum momento da história republicana do Brasil em que a economia estivesse tão bem como está agora no Brasil. As coisas estão todas andando bem e nós precisamos aproveitar esse momento para fortalecer as bases que vão consolidar definitivamente a economia do Brasil, do Paraguai, do Uruguai e da Argentina, porque o momento é um momento bom para todos os países. Do ponto de vista pessoal, eu continua acreditando nas coisas que eu acreditava, sabendo que quando você é governo você faz o que é possível fazer e você não faz tudo o que você quer.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Primeiro, eu nunca falei em revolução. Eu sou um democrata de nascença. Segundo, eu acredito nos valores da democracia. Somente a democracia é que garante a eleição de um Lula presidente da República, de um Evo Morales presidente da República. Eu não sei que outra possibilidade teria um índio ou um metalúrgico de chegar à Presidência da República dos seus países. Então, a democracia é um valor, é uma conquista da humanidade excepcional, porque democracia exige que você aprenda a conviver com as adversidades, conviver com quem não gosta de você, conviver com aqueles que são oposição a você, conviver com aqueles que combatem, sabendo o momento dos embates, mas sabendo o momento do respeito aos direitos de cada um. Para mim, isso é uma conquista da humanidade, para mim é irretocável.

Tradutor: (inaudível)



Presidente: Vamos colocar isso como coisa do passado. Quero lhe dizer que todas as dificuldades que existem na relação entre Paraguai e Brasil, nós vamos ter que aboli-las, porque nós queremos consolidar essa relação com o Paraguai. Não tem sentido um país com a economia do tamanho do Brasil, criar obstáculos para importar algum produto do Paraguai. Não tem sentido, quem está falando com vocês é o presidente da República do Brasil. Obviamente que nós temos leis, temos portarias, temos decretos. Essa é uma coisa construída ao longo de muitos anos. Muitas coisas têm que passar pelo Congresso, mas nós vamos trabalhar para que a relação comercial entre Brasil e Paraguai, entre Brasil e Uruguai e entre Brasil e Argentina se transforme numa coisa extremamente saudável e produtiva para os dois países. E no caso do Paraguai, eu quero dizer para vocês como presidente da República, que não tem nenhum sentido o Brasil continuar com o superávit comercial que ele tem com o Paraguai. É preciso que haja um equilíbrio, porque o Paraguai tem o direito de vender tanto para o Brasil quanto o Brasil vende para o Paraguai.

Eu tive uma reunião com o presidente do Equador esses dias e o Brasil exporta, para o Equador, 900 milhões de dólares e importa 30 milhões. Não é possível, nós temos que ter consciência, enquanto economia brasileira, que precisamos equilibrar esse jogo com o Equador. Nós precisamos equilibrar com a Venezuela, porque nós temos um superávit muito grande com esses países e não queremos ter superávit muito grande. Nós só temos déficit comercial com a Bolívia por causa do gás. Mas essa é uma coisa que nós vamos resolver e certamente isso estará na pauta de discussão com o presidente Nicanor. Eu espero que no final da reunião, quando vamos ter uma coletiva, possamos anunciar boas coisas para a relação Paraguai e Brasil.

Jornalista: (agradecimentos em espanhol)

Presidente: Se Deus quiser. Eu estarei domingo à tarde.